

ANALISANDO GÊNERO NAS QUESTÕES DE CIÊNCIAS DA NATUREZA DO ENEM 2016

Viviana da Cruz Vicente; Gustavo Isaac Killner

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, viviana.ifsp@gmail.com; gustavoik@ifsp.edu.br

Resumo

Este trabalho consistiu em uma pesquisa documental que se pautou na Análise Discursiva das questões de Ciências da Natureza do Exame Nacional do Ensino Médio 2016 (ENEM). A partir desta análise, foi possível explorar a concepção de gênero contida nos excertos da avaliação investigada. Ainda que tenha ocorrido o surgimento de novas formas de identidade de gênero, a representação binária (com forte dominação masculina) prevalece tanto dos discursos quanto na maior parte das questões estudadas. Considerando que todo discurso dissemina concepções de sociedade e torna-se suscetível a uma intencionalidade regulamentada pelas relações de poder, compreendemos que um sistema nacional de avaliação como o ENEM tem extrema relevância na divulgação de um determinado tipo de sociedade e, portanto, também contribui para reforçar estereótipos, como por exemplo, que existem papéis a serem desempenhados segundo os sexos. Isso faz com que esta pesquisa seja relevante, na medida em que denuncia uma concepção opressora de gênero sendo incentivada por um exame nacional pretensamente neutro.

Palavras-chave: Ciências da Natureza; Gênero; Educação.

Introdução

O presente trabalho se destina a identificar as representações de gênero existentes em algumas questões de Ciências da Natureza do ENEM 2016 (1ª e 2ª aplicação). Fiorin (2002, p.10) enfatiza que o texto pode ser analisado sob dois aspectos complementares, a partir dos mecanismos sintáticos e semânticos responsáveis pela produção do sentido, visando compreender o discurso como objeto cultural, produzido em um determinado momento histórico e em relação dialógica com outros textos. Pensando nisso, como instrumento de análise e com a finalidade de estabelecer categorias, empregou-se a Análise de Discurso (FIORIN, 2002, p. 10).

Com base nas categorias obtidas a partir dessa análise, problematizaram-se as identidades de gênero. Por meio das palavras contidas nos excertos escolhidos e que representavam seres vivos, humanos ou animais, foi possível verificar a limitação criada pelo discurso ao destacar a presença masculina em uma parcela considerável dos itens e ao mesmo tempo invisibilizar a presença

feminina nos mesmos. Apesar dos elementos textuais indicarem a quase ausência das mulheres, isto não significa que elas não fizeram parte de uma categorização.

Na concepção binária, por exemplo, os gêneros são organizados apenas como feminino ou masculino (BUTLER, 2015, p. 53). Ainda que a definição binária seja a mais usual e incorpore a mulher, a masculinidade é utilizada universalmente como padrão de linguagem, contribuindo para a exclusão das mulheres e das demais formas de identidade de gênero nos discursos disseminados nos materiais didáticos, avaliativos e nos espaços escolares.

Segundo Stoler (1964) e Scott (1995), a diferenciação sexual dos gêneros é objeto de estudo há muitos anos, o que vem provocando discussões atreladas tanto à parte biológica quanto à cultural. Com o advento da pós-modernidade e o surgimento das teorias pós-críticas (SILVA, 1999, p. 111), a pluralidade cultural e a diversidade de etnias e gêneros começaram a adquirir novos contornos. Deste modo, a Concepção Binária (com os padrões arcaicos de linguagem universal) tornou-se insuficiente e inadequada à recente realidade e o cenário pós-moderno passou a incorporar definições de identidades de gênero que incluíssem também transexuais, travestis, crossdressers, transgêneros e cisgêneros, entre outras (SÃO PAULO, 2014, p. 15-16).

Contudo, ainda que a existência de novas formas de identidade de gênero tenham emergido e as conquistas obtidas sejam significativas (por exemplo, a possibilidade de casamento homoafetivo e o direito a voto e ao trabalho, no caso específico das mulheres), tais logros não eliminaram, como aponta Stearns (2007, p. 250), a presença de papéis sexuais que, acima de tudo, enquadram os gêneros em apenas duas categorias: feminino ou masculino.

Na década de 80, com a globalização das formas de produção e consumo, intensificação do fluxo de informações e ampliação do chamado controle de qualidade, novos indicadores foram construídos. Dentre esses podemos citar, incorporando mudanças na educação, a adoção de padrões externos de avaliação escolar, impondo deste modo a criação de um “Estado Avaliador” (AFONSO, 2000, p. 49). Esse modelo de controle de qualidade na educação foi capaz de produzir um sistema nacional de avaliação do rendimento escolar que, no Brasil, consubstanciou-se, entre outros, na Prova Brasil, no extinto Provão (atual ENADE) e no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), objeto desta pesquisa.

Tendo como hipótese que as representações sociais sobre os gêneros estão inculcadas nas questões do ENEM, esta pesquisa se propõe a investigar como a identidade de gênero é retratada nelas e problematizá-la no exame 2016.

Um histórico a partir do ENEM

Com a emergência de se criar uma certificação para um currículo baseado em competências e habilidades, conforme definido pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) e Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), veio à tona a sugestão de se criar um instrumento estatal visando a avaliação externa.

Como resultado desse processo, a primeira versão do ENEM ocorreu em 1998 e consistiu em uma avaliação individual, para a qual as pessoas se candidatavam voluntariamente ao processo. O propósito do exame era possibilitar uma referência para autoavaliação a partir das competências e habilidades que o estruturaram (BRASIL, 2008, p.14). Conforme o Documento Básico inicial do ENEM, a intenção, além de avaliar o desempenho do aluno, era de mensurar o desenvolvimento de competências fundamentais ao exercício pleno da cidadania (MEC/INEP, 1998, p.5).

Cada vez mais, com o aumento das desigualdades e diferenças no ambiente escolar, as exigências e características da pós-modernidade contribuíram para que o referido exame fosse reformulado. O ENEM, inicialmente usado apenas como forma de análise da etapa final da Educação Básica, passou a ser empregado pelas Instituições Federais e privadas como método de acesso ao Ensino Superior. Nas federais, a inscrição começou a ocorrer por meio de um cadastro em uma plataforma virtual denominada SiSU (Sistema de Seleção Unificada). Desse modo, após 2008, o ENEM teve mudanças significativas envolvendo tanto o aumento da quantidade de questões (de 63 para 180 itens) quanto o enfoque delas e o tempo de duração de prova, que duplicou. O número de inscritos também aumentou significativamente, atingindo mais de oito milhões na edição analisada.

Metodologia e resultados

O estudo consistiu em uma investigação de caráter documental (FONSECA, 2002, p.32), proporcionada por intermédio dos cadernos de questões de Ciências da Natureza do ENEM 2016 (primeira e segunda aplicação). Por meio das observações, 88 itens compuseram a análise caracterizada pela Análise Discursiva (FIORIN, 2015, p. 10)

Seguindo uma metodologia de investigação por categorias emergentes (MORAES, 2007, p.92), após uma leitura prévia das questões visando reconhecer os itens que envolviam pessoas e animais, identificaram-se 31 enunciados que se enquadraram nas categorias escolhidas, que foram desmembrados em 36 excertos. Posteriormente realizou-se uma nova classificação dos mesmos, o

que possibilitou a divisão com base em três critérios que emergiram dos enunciados: masculino (ou macho), feminino (ou fêmea) e indeterminado. Os elementos que não possuíam as características procuradas foram eliminados do processo.

No Tabela 1, disposta abaixo, encontram-se os discursos extraídos com as respectivas categorias.

questão	Página e versão	Descritor	categorias
46	16, 1ª aplicação	<i>Quando <u>uma pessoa</u> é atingida...</i>	indeterminado
49	17, 1ª aplicação	<i>...<u>aproxima-se de um observador</u>...</i>	masculino
51	18, 1ª aplicação	<i>...<u>mais de 20 pessoas</u> morreram no Brasil...</i>	indeterminado
56	20, 1ª aplicação	<i>...<u>o pesquisador</u> deve levar em conta...</i>	masculino
57	20, 1ª aplicação	<i><u>O morcego</u> emite pulsos de curta duração de ondas...</i>	masculino/macho
59	21, 1ª aplicação	<i>...<u>um estudante</u> pegou uma folha de papel e fez o desenho de um sorvete...</i>	masculino
61	22, 1ª aplicação	<i><u>Um pesquisador</u> investigou o papel da predação...</i>	masculino
65	23, 1ª aplicação	<i>...<u>os animais</u> adequados ao propósito dessas...</i>	masculino-macho
70	24, 1ª aplicação	<i><u>Pesquisadores</u> recuperaram...</i>	masculino
72	25, 1ª aplicação	<i><u>Uma pessoa</u> é responsável pela manutenção de...</i>	indeterminado
82	29, 1ª aplicação	<i>...<u>repleto de passageiros</u> e cargas, algo que...</i>	masculino
83	29, 1ª aplicação	<i>...<u>de espécies distintas</u> entre <u>animais</u>...</i>	indeterminado
84	29, 1ª aplicação	<i>...<u>um professor</u> deixa duas bandejas...</i>	masculino
84	29, 1ª aplicação	<i><u>Seus alunos</u> afirmam...</i>	masculino
87	30, 1ª aplicação	<i><u>Portadores</u> de diabetes insipidus reclamam...</i>	masculino
50	19, 2ª aplicação	<i><u>Um jovem</u> suspeita que não é filho biológico...</i>	masculino
51	19, 2ª aplicação	<i><u>Um cosmonauta</u> russo estava a bordo da estação...</i>	masculino
52	19, 2ª aplicação	<i>Em 1950, <u>Erwin Chargaff</u> e <u>colaboradores</u> estudavam...</i>	masculino
52	19, 2ª aplicação	<i><u>Um professor</u> trabalhou esses conceitos em sala de aula...</i>	masculino
53	20, 2ª aplicação	<i>...<u>uma pessoa</u>, com essa mesma temperatura...</i>	indeterminado

54	20,2ª aplicação	<i>Um pesquisador avaliou a concentração do pesticida...</i>	masculino
55	20,2ª aplicação	<i>Primo Ribeiro levantou os ombros...</i>	masculino
57	21,2ª aplicação	<i>Um eletricista deve instalar um chuveiro que...</i>	masculino
58	21,2ª aplicação	<i>...os veterinários devem administrar...</i>	masculino
61	23,2ª aplicação	<i>...exame utilizado para avaliar o estado do coração de um paciente...</i>	masculino
67	25,2ª aplicação	<i>Nas rodovias, é comum motoristas terem...</i>	indeterminado
69	26,2ª aplicação	<i>Sadi Carnot demonstrou a impossibilidade...</i>	masculino
70	26,2ª aplicação	<i>...a professora destacou que, em uma...</i>	feminina
74	27,2ª aplicação	<i>Darwin, em viagem às Ilhas Galápagos...</i>	masculino
74	27,2ª aplicação	<i>...por Lamarck, refere-se...</i>	masculino
79	29,2ª aplicação	<i>Em um hospital, acidentalmente, uma funcionária...</i>	masculino
79	29,2ª aplicação	<i>...e seu filho nasceu com uma grave anemia...</i>	masculino
79	29,2ª aplicação	<i>...o aparecimento da anemia da criança...</i>	indeterminado
82	29,2ª aplicação	<i>Um pesquisador analisou as seguintes amostras...</i>	masculino
83	30,2ª aplicação	<i>...dois paraquedistas vão utilizar uma moto cada...</i>	masculino
90	31,2ª aplicação	<i>...uma pessoa resolveu jogar água sobre um piso de granito...</i>	indeterminado

Tabela 1: Categorias de gêneros obtidas por intermédio das questões analisadas

Discussão dos resultados

Apesar da existência de pesquisas vinculando a imagem das concepções de gênero como problemática, neste trabalho o significado da palavra “problema” não deve ser encarado como um aspecto negativo. As dificuldades presentes podem contribuir para as investigações e, segundo Butler (2015, p. 7), “são inevitáveis e a nossa incumbência é descobrir a melhor maneira de criá-las e tê-las”.

Dentro do conteúdo discursivo das trinta e uma questões que mostraram a presença de pessoas ou animais (divididas em 36 fragmentos), identificou-se que o ENEM está formulado a partir de uma concepção binária de gênero, uma vez que não se percebeu qualquer referência a outras formas

de identidade social relacionada ao sexo. Além disso, reconheceu-se em apenas uma (3% do total de fragmentos) delas (a de número 70 -2ª aplicação) que a mulher foi explicitamente mencionada. Por outro lado, com um grande destaque, os personagens masculinos apareceram vinte e sete vezes (75 % do total de excertos). Os demais itens, que foram categorizados como sendo “indeterminados”, foram encontrados oito vezes (22 % do total de excertos).

Os resultados apresentados na Tabela 1, embora tenham partido de uma categorização por meio da linguagem “padrão”, favoreceram a identificação de uma forma de poder e opressão que é exercida não somente na construção binária (BUTLER, 2015, p. 8), mas também nos demais formatos de gênero, além de deixarem nítido que não é identificado formato diferente do binário, ou seja, um meio termo de gênero. Consequentemente, o discurso enquadra apenas três itens: o ser “masculino”, o ser “feminino” e o que “não é passível de determinação”.

A Concepção Binária é reconhecida na medida em que não há uma outra forma de classificação e, portanto, ela se torna o limite da linguagem, da cultura e dos valores transmitidos pelo ENEM e, também, se torna uma barreira. Butler (2015, p.30) confirma que os limites da análise discursiva do gênero pressupõem e definem, por antecipação, as possibilidades das configurações imagináveis e realizáveis de gênero na cultura. Desta forma, podemos supor que as fronteiras analíticas sugerem os limites de uma experiência discursivamente condicionada. Consequentemente, tais limites geralmente são pautados em uma estrutura binária. O gênero também pode ser utilizado como operador conceitual, uma “marca” de diferença biológica, linguística e ou cultural.

Por intermédio da análise, observou-se que nenhum dos excertos do ENEM continha personagens como transexuais, crossdressers ou transgêneros, entre outros. Louro (2014, p. 72) cita que a precarização da produção de diálogos e materiais didáticos que abordem outras formas de identidade nas escolas, diferentes das ditas como “normais” (heterossexuais), ocorre pelo receio que existe de que estudantes, ao conhece-las, possam ter o interesse em experimentá-las e deseja-las. Esta pesquisa indica que tal pensamento também pode subsidiar a formulação do ENEM.

Conclusões

Com base nos comentários tecidos ao longo deste trabalho e por meio de trechos do ENEM 2016, esperamos ter incitado uma reflexão sobre as representações de gênero no ENEM e suas relações com a formação da subjetividade e da identidade das pessoas a ele submetidas. Esta

pesquisa indica que ainda temos muito a realizar e pensar sobre as desigualdades de gênero, etnia e cultura, entre outras, pelo menos no que se refere ao Exame Nacional do Ensino Médio.

Apesar dos discursos defenderem a inclusão das diferenças, estes se apresentam distantes da prática. A partir de elementos culturais, além de mecanismos de poder, comportamentos que contribuem para a existência da Concepção Binária são incentivados nas escolas, nos materiais didáticos, nas avaliações externas e na educação oferecida por nossos familiares. O ideal seria, (FREIRE, 1996, p. 69), “diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento a tua fala seja a tua prática”.

Neste trabalho, por mais que nossa pretensão tenha sido buscar desvincular-se da “Concepção Binária” e mostrar outras formas de identidade de gênero, a linguagem padrão que faz da masculinidade o universal se mostrou como um obstáculo.

A partir da falta de conhecimento sobre as inúmeras identidades de gênero existentes, muitas pessoas julgam, difamam e estabelecem conclusões falsas sobre pessoas que nelas se encaixam. Durante todo o século XX e início do século XXI as lutas pela igualdade de gênero, étnico-racial e também pelo respeito à diversidade têm sido constantes. Todavia, o predomínio de atitudes e convenções sociais discriminatórias, em todas as sociedades, ainda é uma realidade tão persistente quanto naturalizada (BRASIL, 2016, p. 9).

Como não podemos mudar a norma padrão da linguagem apenas com vontades e discursos, esperamos, ao menos, que esta ação de apresentar os possíveis “esquecimentos” de não considerar múltiplas identidades de gênero na construção do ENEM, possam ser minimizadas.

Referências

AFONSO, A. J. **Avaliação educacional**: regulação e emancipação. São Paulo: Cortez, 2000.

BRASIL. **Gênero e Diversidade na Escola**: Formação de professores/as em Gênero. Orientação Sexual e Relações Étnico–Raciais. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília, SPM, 2009. Disponível em: <http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/genero_diversidade_escola_2009.pdf>. Acesso em: 19. Out. 2016.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, de 26 de dezembro de 1996.

BRASIL, Ministério da Educação. **PDE: Plano de Desenvolvimento da Educação: SAEB: ensino médio: matrizes de referência, tópicos e descritores.** Brasília: MEC, SEB; Inep, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/saeb_matriz2.pdf>. Acesso em: 06 set. 2016.

BUTLER, J. P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**-9ª ed. Judith Butler, tradução: Renato Aguiar-9 ed.- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso.** 11. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

_____ **Elementos de Análise do Discurso.** 14. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Paulo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** 16 ed. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

MEC/INEP. ENEM. **Documento Básico.** MEC/INEP. Brasília, 1998. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pme000115.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2016.

MORAES, R. **Mergulhos Discursivos: Análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos.** In: Galiuzzi MC, Vicente J, organizadores. Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental. Ijuí: Unijuí; 2005.

SÃO PAULO. Governo do Estado. Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania. Coordenação de Políticas para a Diversidade Sexual. **Diversidade sexual e cidadania LGBT.** São Paulo: SJDC/SP, 2014.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade vol., 20, nº 2, 1995.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

STEARNS, P. N. **História das relações de gênero**. São Paulo: Contexto, 2007.

STOLLER, R. A Contribution to the Study of Gender Identity. **International Journal of Psychoanalysis**, 1964.